



## Formação docente, currículo e violência escolar: a urgência de uma discussão

### *Teacher training, curriculum and school violence: the urgency of a discussion*

**Holdamir Martins Gomes Santos Martins<sup>1\*</sup>**

<sup>1</sup> Universidade Federal do Pará (PPGCITI/Campus Universitário de Abaetetuba)

**\*Autor Correspondente:** hdamirmg@gmail.com

**RESUMO:** O presente exercício ensaístico problematiza as relações estabelecidas entre violência escolar, formação docente e currículo. Objetiva refletir sobre a necessidade da abordagem da violência no âmbito escolar quando da formação de professores e sua base curricular. Parte do pressuposto que a formação docente e o currículo podem ser instrumentais subsidiários de enfrentamento ao conflito e à violência no microsistema escolar. O procedimento metodológico se dá mediante pesquisa bibliográfica e qualitativa. Dentre os principais autores eleitos para a feitura do texto ensaístico, cite-se: Miriam Abramovay, Bernadete Gatti, Luiza Camacho. Tendo como resultado a urgente necessidade de discussão da temática da violência escolar, do currículo e da formação de professor, numa perspectiva de interseção dos temas em análise de forma mais efetiva e aprofundada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Violência. Escola. Formação docente. Currículo.

**ABSTRACT:** This essay exercise problematizes the relationships established between school violence, teacher education and curriculum. It aims to reflect on the need to address violence in the school environment when training teachers and its curricular basis. It assumes that teacher education and the curriculum can be subsidiary instruments for fighting conflict and violence in the school microsystem. The methodological procedure takes place through bibliographical and qualitative research. Among the main authors chosen to write the essay text, mention should be made of: Miriam Abramovay, Bernadete Gatti, Luiza Camacho. As a result, there is an urgent need to discuss the theme of school violence, the curriculum and teacher training, in a perspective of intersection of the themes under analysis in a more effective and in-depth way.

**KEYWORDS:** Violence. School. Teacher training. Resume.

## 1 Introdução

O presente trabalho de natureza ensaística aborda uma temática atual, desafiadora, porém inconclusa – a relação existente entre formação docente, currículo e violência escolar. Trata do fenômeno da violência escolar como um tema transversal à educação brasileira, fazendo surgir a necessidade da urgente discussão sobre o aperfeiçoamento da base curricular dos cursos de formação de professores.

Em relação a pesquisa, três pontos devem ser esclarecidos: (i) este trabalho constitui-se parte de resultado de pesquisa em nível de mestrado, vinculado ao PPGCITI – Programa de Pós-Graduação em Cidades, Territórios e Identidades da Universidade Federal do Pará – UFPA, Campus Universitário de Abaetetuba; (ii) o momento temporal em análise reflete tempos pré-pandêmicos, onde as relações interpessoais no universo escolar eram intensas e presenciais; (iii) metodologicamente é uma pesquisa de abordagem qualitativa, integrada a técnica bibliográfica.

Como comprometimento contextual, temos que a violência afeta o cotidiano da escola, interferindo na vida e prática social dos agentes escolares. Não obstante as precariedades e paradoxos que marcam muitas das nossas escolas, sobretudo da rede pública de ensino, é certo afirmar que seus principais agentes – professores e gestores – estão desprovidos de habilidade e preparo técnico para lidar adequadamente com o conflito e a violência escolar. Conjuntura causadora de medo, insegurança, impotência e desmotivação, com reflexo para todo o corpo escolar.

Desde então, no curso dos últimos tempos, diversos autores se debruçaram sobre os temas específicos – formação docente, currículo e violência escolar –, mas poucos na sua intersecção. Havendo escassez de pesquisa e literatura atende-se no cruzamento da tríade.

Esses condicionamentos reflexivos e teóricos, mesmo que inconclusivos, tornam-se justificáveis dando vez ao presente trabalho, ao incitar abertura para a discussão temática com suas intersecções, sinalizando um início interrogativo para a busca de eventuais respostas.

## 2 Materiais e métodos

A pesquisa é uma indispensável ferramenta, seja para a academia ou para a sociedade, pois a realidade não se desvenda na superfície. “E um problema será relevante em termos científicos à medida que conduzir à obtenção de novos conhecimentos” (GIL, 1999, p. 51). Para tanto, a presente pesquisa de abordagem qualitativa, integra essencialmente a técnica de pesquisa bibliográfica.

Como pesquisa de natureza qualitativa, “preocupa-se, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na

compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (SILVEIRA; CORDOVA, 2009, p. 32).

Quanto a dimensão bibliográfica, para Gil (1999, p. 65), “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. E que pode ajudar quando da pesquisa a “explorar novas áreas onde os problemas não se cristalizaram suficientemente. [...] Dessa forma, a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 183).

## 3 Referencial teórico

A costura discursiva em torno da temática da educação, quer empírica ou teoricamente, é sempre fecunda e multifacetada. Por certo, este apontamento não pretende saldar essa complexidade. O presente estudo, de forma limitada e breve, gira em torno de estudos teóricos e analíticos na perspectiva da intersecção entre: (i) violência escolar, (ii) formação de professores e (iii) currículo.

Registre-se, em passant, que os estudos em torno dessa intersecção são escassos. Mas não há escassez de exemplos e notícias de conflitos e violência no âmbito escolar, o quadro é conhecido e preocupante. “São inúmeros os casos: depredações e vandalismo, assassinatos, falta de respeito, indisciplinas e incivildades, estas também conhecidas como bullying. [...] Sua ação maléfica provoca enormes traumas aos envolvidos” (PEREIRA, 2009, p. 09).

O fato é que a violência, enquanto construção sociocultural, se tornou um tema atual e transversal à educação e a vida escolar. Ancorado nesse cenário, segundo Sônia Pereira (2009), a violência quebra o nexo da escola ideal, refletindo em insegurança para todos os seus atores, influenciando negativamente nos estudos e projetos pedagógicos, bem como no exercício profissional dos professores e gestores.

Segundo Aquino (1988, p. 7-8), a imagem “já quase idílica, da escola como locus de fomentação do pensamento humano” parece ter sido substituída pela visão difusa de um campo de pequenas batalhas civis, causando uma espécie de mal-estar coletivo em todos (AQUINO, 1998).

A temática da violência é complexa, multifacetada e polissêmica (ABRAMOVAY, 2004). Qualquer exercício, seja teórico ou empírico para sua compreensão, envolve uma cadeia de múltiplos aspectos humanos e socioculturais, tantos internos como externos à escola.

Acresça-se nesse âmbito, sendo um dos aspectos merecedores de realce aqui, que os professores e gestores escolares não foram formados nem treinados para tratar e lidar com o fenômeno da violência escolar. Não poucas vezes muitos deles reconhecem e confessam não saber o que fazer diante do conflito e de atos de violência. Sentindo-se totalmente

inseguros, despreparados e impotentes para eventuais intervenções, “uma espécie de sentimento de ‘mãos atadas’ quanto confrontados com situações atípicas” (AQUINO, 2004, p. 9). Não raro, no cotidiano escolar, o tratamento dos problemas de violência é remetido a agentes externos da escola: Conselho Tutelar, autoridade policial, Poder Judiciário, Ministério Público.

É nesse quadro conjuntural que se lança luz sobre a necessidade de se repensar a formação de professores e aperfeiçoamento da base curricular. A utilização de outros recursos pedagógicos que facilitem o estar juntos, a convivência na diversidade e como lidar com o conflito e a violência no espaço escolar. Pois, estudiosos sobre a formação de professores entendem que os cursos de Licenciatura ainda mantêm um paradigma curricular baseado numa escola ideal, que concretamente não mais existe (GATTI; BARRETO; ANDRÉ, 2011).

Em nível de reflexão teórica particular, a temática do conflito, da violência escolar e seus modos de enfrentamentos, não são motivos de discussão adequada e profundada no percurso da formação acadêmica. Para Lobato (2016, p. 75), referindo-se exatamente sobre a deficiência na formação sobre a temática da violência escolar, diz que “são necessárias ações concretas, como, por exemplo, a urgente necessidade de formação adequada para esses profissionais [...] esses assuntos não foram contemplados na formação inicial”.

Com efeito, tem-se a necessidade de trazer para a formação e o debate acadêmico a temática do conflito, da violência e suas formas de enfrentamentos, tais como as práticas restaurativas, a mediação de conflitos, círculos de diálogos e outros métodos exitosos, todos já experienciados e inventariados e que podem certamente ajudar à prática pedagógica.

Conforme Abramovay (2004, p. 111), para a diminuição dos índices de violência no espaço escolar, tem-se a possibilidade da adoção de “práticas dialógicas de resolução de conflitos e a aposta na cultura como espaço/tempo de coexistência [...] muito mais efetivos no combate à violência do que o investimento instrumental em aparatos de segurança”.

Sublinhe-se, em desdobramento analítico e no cerne do horizonte exposto, o dito por Camacho (2011) ao asseverar que é preciso repensar a escola e o currículo. Pois, os cursos de formação de professores “ignoram e raramente discutem questões do dia a dia das escolas, como a indisciplina, a violência, os preconceitos, as discriminações ou as relações que irão construir com os alunos” (CAMACHO, 2001, p. 138), voltando suas preocupações para o estritamente pedagógico.

Neste quadro pulsa a necessidade de lidar com uma concepção mais avançada de formação das futuras gerações de professores. Havendo a necessidade de analisar os currículos e as práticas

pedagógicas que os formam. Buscando capacitá-los a lidarem com o fenômeno da violência, um tema que se tornou transversal à vida escolar e a própria educação.

Não podendo o currículo se limitar a lista de conteúdos e disciplinas a serem ensinadas-aprendidas, devendo ter um olhar mais abrangente, sistêmico. Até porque, ao falar sobre currículo, Schmidt (2003, p. 61) diz que ele “é um instrumento de ação política [...] que se fundamenta numa concepção de mundo-homem-educação [...] portanto, ele é muito mais que um rol de disciplinas, ele é uma questão político-cultural pelo fato de trazer intenções frente às relações sociais”.

Não sem razão, a importância da implementação de ações e práticas que possam criar e investir na possibilidade de respostas diferenciadas e alternativas que atenuem os índices de violência e conflito escolar, subsidiando e qualificando seus agentes para compreender, prevenir e tratar adequadamente atos de violência de forma não violenta

#### 4 (In)Conclusões finais

O presente texto tece um debate inconcluso, mas pertinente, justificável e urgente em nível de estudo e discussão, a intersecção entre (i) violência, (ii) currículo e (iii) formação de professores. Em palavras contextualizadas, a questão da inconclusividade, comparece diante da necessidade de ampliar e intensificar esse debate interseccional.

Todos os tópicos precedentes apontam na forçosa necessidade de refletir sobre o conflito e a violência escolar no cotidiano formativo dos professores. Evidenciando a necessidade de mudanças e adequação do currículo e processo formativo, capacitando seus agentes para lidarem adequadamente com a problemática em tela.

A par desses e de haveres correlatos, diante do curso dos tempos, tem-se a necessidade da criação de espaços de debates para que se ventilem ideias e soluções, bem como mudanças e atualizações na formação docente e no próprio currículo, com alterações na prática pedagógica.

Podendo se utilizar, a nível sugestivo, de meios como as práticas restaurativas, que são recursos úteis e eficazes para minimizar os índices de conflito e violência no âmbito escolar. Fornecendo elementos subsidiários pedagogicamente, contribuindo para uma escola de atmosfera menos hostil, porém mais agregadora e participativa.

**Fontes de financiamento:** não houve fonte de financiamento.

**Conflitos de interesse:** os autores declaram não haver conflitos de interesse.

#### Referências

ABRAMOVAY, Miriam (coord.). Escolas inovadoras: experiências bem-sucedidas em escolas públicas. Brasília: UNESCO/MEC, 2004.

AQUINO, Julio Groppa. A violência escolar e a crise da autoridade docente. Cadernos Cedes, Campinas, v. 19, n. 47, p. 7-19, 1998. DOI: 10.1590/s0101-32621998000400002.

CAMACHO, Luiza Mitiko Yshiguro. As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescentes. Educ Pesq., São Paulo, v. 27, n. 1, p. 123-140, Jun 2001.

GATTI, Bernadete Angelina; BARRETTO, Elba Siqueira de Sá; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmaz de Afonso. Políticas docentes no Brasil: um estado da arte. Brasília: Unesco, 2011.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.  
LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LOBATO, Vivian da Silva. Violência nas escolas: uma análise das concepções docentes. Curitiba, Editora CRV, 2016.

PEREIRA, Sônia Maria de Souza. Bullying e suas implicações no ambiente escolar. São Paulo: Paulus, 2009.

SCHMIDT, Elizabeth Silveira. Currículo: uma abordagem conceitual e histórica. UEPG. Ciências Hum., Ci. Soc, Apl, Ling, Letras e Artes. Ponta Grossa, v.11, n.1, p. 59-69, jun, 2003.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT e SILVEIRA (Org.). Métodos de pesquisa. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009.